

no 8801545

O. G. / 25/11/922

Folheto

1545

CENTENÁRIO

DO

General Tomaz Cabreira

POR

António Cabreira

REPRESENTANTE DA FAMILIA CABREIRA,
SOCIO CORRESPONDENTE DAS ACADEMIAS
DAS SCIENCIAS DE LISBOA, BARCELONA,
MONTPELIER, TOULOUSE, DIJON E NAPOLES
COMENDADOR DE S. TIAGO DA ESPADA,
CONDECORADO COM O MERITO, 1.ª CLASSE,
DO CHILE, CAVALEIRO DA LEGIÃO DE HONRA
BENEMERITO DA INSTRUÇÃO NACIONAL



1922
IMPRESA LIBANIO DA SILVA
Trav. do Fala Só, 24
LISBOA

0

RC
MNCT
92
CAB

n.º 880



CENTENARIO
DO
GENERAL TOMAZ CABREIRA

OBRA ESCRITA
DE
ANTÓNIO CABREIRA

Assuntos	Trabalhos
TEORIA DOS NUMEROS.....	5
ANALISE ALGEBRICA, GEOMETRICA E INFINITESIMAL.....	11
ESTATICA GRAFICA.....	1
GEOMETRIA PURA.....	18
GEOMETRIA REFRACTIVA.....	1
MECANICA.....	4
ASTRONOMIA.....	7
CLIMATOLOGIA.....	1
ANTROPOLOGIA.....	2
COLONISAÇÃO.....	3
SEGUROS.....	4
FINANÇAS E ECONOMIA PUBLICA.....	5
JURISPRUDENCIA.....	7
HISTORIA.....	51
RELATORIOS SCIENTIFICOS E ESCOLARES.....	21
ARQUEOLOGIA.....	4
POLITICA INTERNA E EXTERNA, E ORGANICA POLITICA E MILITAR.....	8
ORGANICA GERAL.....	20
ROMANCE.....	2
FILOSOFIA.....	7

REGIMENTO DE INFANTERIA
BIBLIOTECA
N.º 32



Antonio Cabreira

CENTENÁRIO

DO

General Tomaz Cabreira

POR

António Cabreira

REPRESENTANTE DA FAMILIA CABREIRA,
SOCIO CORRESPONDENTE DAS ACADEMIAS
DAS SCIENCIAS DE LISBOA, BARCELONA,
MONTPELIER, TOULOUSE, DIJONE NAPOLES
COMENDADOR DE S. TIAGO DA ESPADA,
CONDECORADO COM O MERITO 1.ª CLASSE,
DO CHILE, CAVALEIRO DA LEGIÃO DE HONRA
BENEMERITO DA INSTRUÇÃO NACIONAL



centro ciência viva
ROMULO DE CARVALHO

RC
MNCF
92
CAB

1922

IMPRESA LIBANIO DA SILVA

Trav. do Fala Só, 24

LISBOA

PROGRAMA
DA
CELEBRAÇÃO

- I - COLOCAÇÃO DE FLORES NO JAZIGO
- II - MISSA, ACOMPANHADA A CANTO E ORGÃO, NA IGREJA PAROQUIAL DE S. JOSÉ, DE LISBOA
- III - ENTREGA DO PREMIO COMEMORATIVO NO QUARTEL DO GRUPO DE BATALHÕES DE INFANTARIA N.º 4
- IV - SERÃO DE ARTE, EM CASA DE ANTONIO CABREIRA :
 - a) CONCERTO, CANTO E RECITAÇÕES;
 - b) DISCURSOS E DESCERRAMENTO DA PATENTE GANHADA EM CAMPANHA
- V - MISSA, ACOMPANHADA A ORGÃO, NA IGREJA DE S. FRANCISCO, DE TAVIRA ; PRECES JUNTO AO JAZIGO



celebração do Centenario do General Tomaz Cabreira teve grandeza na sua simplicidade e eloquencia no seu significado.

Promovida pelo coração do filho, a ela se associaram os Regimentos de Infantaria 4, successor do antigo Batalhão de Caçadores do mesmo numero; 15 e 18, que o homenageado comandou.

Glorificava-se um official, illustre pelo sangue, pelo character e pela bravura; mas de feitio essencialmente modesto. Tal feitio excluía exhibições externas e aparatos dispensaveis.

Demais, concretizava-se um ardente culto filial cuja indole sagrada se profanaria quando assoalhado como qualquer manifestação civica.

Por isso, os locaes escolhidos foram o Jazigo, a Igreja, o Quartel e a Casa, que é templo de sua memoria; por isso, a comemoração constou de flores, de preces, de um premio, da recordação de nobres feitos, e de musica, que tão bem fica nos actos emotivos, e, especialmente, tratando-se de quem a cultivou com talento e carinho.



NOTICIA

A colocação das flores no jazigo



As flores são risos e são lagrimas : risos, quando espargidas sobre uma noiva ; lagrimas, quando lançadas sobre uma campa. A Natureza desabrocha nelas todas as côres, todos os encantos, todos os perfumes. Por isso, são mensagens de Respeito, de Ternura, de Amor.

Não podendo ir visitar o logar sagrado onde repousa meu Pai, mandei, como interpretes do meu sentir, flores, muitas flores, das nascidas nessas lindas Primaveras do Algarve...

Pelas 9 horas da manhã do dia 30 de abril de 1922, o meu procurador e rendeiro, sr. Francisco Soares Valente, e sua familia chegaram ao Cemiterio da Ordem Terceira de S. Francisco, hoje vedado a novos enterramentos, e, onde, portanto, só ingressam os que vão depôr uma saudade, como preito de gratidão eterna, no silencio das grande dôres...

O jazigo reduz-se a uma modesta cripta destinada a quatro fêretros, coberta por uma grande louza com o bração de Familia e o epitafio de meu Pai. Estão tambem ali os restos mortaes de minha Mãe e de meu Irmão, impedindo uma estúpida e cruel disposição que se lhes reunam, um dia, os meus... Junto, ergue-se o mausoleu da Familia Vizetto, onde se inumaram os corpos de minha Avó paterna e de minha Tia D. Ana Cabreira Manso.

Braçados de flores, de todas as variedades que a estação cria, cobriram, em breve, a denegrida pedra. E aquele recinto, tão triste, tão solitario, animou-se de côres vivas,

rescendeu a arômas, desferiu como que uma vibração triunfal.

Se o beijo do Sol fecunda a terra, o beijo das flores espiritualisa-a, porque lhe transmite o arfar das almas...

Flores são lagrimas quando lançadas sobre uma campa...



A Missa em Lisboa

Às 10 horas, o rev. Prior, sr. dr. Alves Lirio, rezava Missa no Altar-Mór da sua Igreja Paroquial de S. José, de Lisboa, comemorando o Cen:enario do meu Pai.

O distinto baritono, sr. Antonio Judice de Magalhães Barros, cantou, primorosamente, a «Preghiera», de Tosti, e «Les Rameaux», de Fauré, sendo acompanhado ao órgão pelo illustre maestro Pavia de Magalhães.

Estavam comigo na Capela-Mór, a distinta poetisa D. Alice Monteiro e outras damas das familias dos convidados, o heroico General Sousa Machado, Comendador da Torre e Espada, que se cobriu de gloria, em Africa, e ainda serviu sob as ordens de meu Pai, em Infantaria 13; o Coronel Silva Pereira, representante desse Regimento e do 18; o Major Almeida Arez, Comandante do Grupo de Batalhões de Infantaria 4, aquartelado em Tavira, e representante do Regimento; Marques Barreto, Primeiro Tenente de Marinha; o notavel jurisconsulto e escritor dr. Armelim Junior; o dr. Ribeiro Castanho, Juiz Auditor dos Tribunaes Militares; Diocleciano Leão Cabreira, meu immediato sucessor na Representação da Familia; o dr. Bernardino Gracias, erudito orientalista e professor dos Liceus; João José Arez, Chefe de Repartição do Ministerio do Interior; Julio de Sousa, Primeiro Oficial do Ministerio de Instrução Publica; Antonio Benavente, funcionario superior das Alfandegas; Joaquim Magão, da Casa da Moeda; Lopes Ferreira, escrivão dos Tribunaes

Civeis; Maximo Barradas e Francisco Soares O'Sulivand, funcionarios tecnicos das Obras Publicas; Paula Correia, official do Ministerio das Finanças; José Antonio Pereira, aluno do Instituto Superior do Comercio; Pedro Lapa e Artur Raposo, directores do Instituto Antonio Cabreira; Priores José Antonio Monteiro, de Budens, e Joaquim Antonio Vieira, de Estombar. No cruzeiro, ocupando as primeiras bancadas, viam-se muitas outras pessoas de categoria social, seguindo-se grande concorrência de público que enchia o templo, quasi, por completo.

Depois da Elevação, o maestro Pavia de Magalhães executou uma comovente melodia sua, inspirada nos motivos da Marcha funebre «Saudade», composta pelo maestro Del Negro, em 1887, como homenagem á memoria do General Tomaz Cabreira.

A cerimonia decorreu com o brilho dado pela execução artistica e pela qualidade da assistencia.

A' saida, o sr. Magalhães Barros comunicou-me que, por sua iniciativa, aquêles priores algarvios haviam tambem celebrado Missa com identica intenção.



A entrega do Premio Comemorativo

Muita gente usa a esmola como meio de sufragio. Mas a esmola é, quasi sempre, colhida pelos profissionais da miseria, pelos mais audaciosos no empenho ou na investigação da dôr alheia. Por vezes, quando a sua apanha é sôfrega, faz até lembrar o assalto de abutres a cada-veres abandonados. . . Depois, a esmola, ainda considerada sob o aspecto mais nobre, nada estimula e tem o exclusivo efeito transitorio de mitigar a fome só num dado momento.

Outrotanto, não succede ao Premio. Começa, porque

é recompensa, e, portanto, assenta sempre em quem o mereça, pela realização das condições estipuladas. Distinguir o merito, qualquer que seja a sua modalidade, é sempre um acto de justiça e de utilidade social. Estimulo, por excelencia, o Premio constitue ainda um padrão perduravel porque é proprio do seu instituto a elaboração de um documento.

Foi, por tal criterio, que preferi á esmola, perdida na banalidade dos habitos e na incompreensão dos contemplados, — o Premio de 100 escudos á praça da unidade sucessora do antigo Batalhão de Caçadores 4, onde meu Pai passou quasi dois terços da sua carreira militar, — que tivesse melhor comportamento em campanha.

Essa recompensa ao soldado modesto, que tambem se distinguiu pelo seu valor, era uma comemoração condigna da memoria do combatente insigne, reproduzindo até, pelo intuito, o galardão merecido que lhe foi dado ha 75 anos, quando ainda tambem era praça.

Fortalecia-lhe o animo, pelo merecimento da espontaneidade, de resto, de natureza esporadica nesta terra onde, de preferencia, se pratica a crueza ou o egoismo. Alem d'isso, teria o beneficio material da esmola, se coubesse a quem vivesse em circunstancias precarias.

E a praça, utilizando o dinheiro, conservaria o diploma, ao lado dos seus papeis mais caros, visto lhe apreciar a sua conduta militar, por forma solene e emocionante. E o agraciado nunca esqueceria a memoria do General Tomaz Cabreira, que passaria, com o documento, aos successivos possuidores, naturalmente descendentes do mesmo agraciado.

A minha iniciativa teve o exito mais consolador. Na verdade, não só encontrou lisonjeiro acolhimento por parte das estações competentes, mas produziu no animo do agraciado um efeito muito superior ao previsto, como prova o interessante agradecimento que me enviou.

Pelas 2 horas da tarde, reuniram-se, no gabinete do Comandante do Grupo de Batalhões de Infantaria 4, no Quartel da Atalaia, o Comandante interino, os Officiaes e os

Sargentos do mesmo Grupo, perante os quaes compareceu o 1.º cabo João José Moisés.

Então o referido Comandante interino, fazendo saber a essa praça que estava nas condições estipuladas para a adjudicação do Premio Comemorativo do Centenario do General Tomaz Cabreira, entregou-lhe a quantia de 100 escudos que constituía o sobredito Premio, e o respectivo Diploma, de que se tiraram 3 exemplares, destinando-se um dos restantes á Secretaria do Grupo de Batalhões, e o outro ao Arquivo da Familia Cabreira.

O acto, na sua simplicidade austera, teve um edificante significado, impressionando o agraciado e a assistencia, como se se tratasse da imposição solene de uma alta condecoração. E, se a praça sentiu legitimo orgulho ao receber das mãos do seu Comandante uma recompensa singular, o nome illustre do General Tomaz Cabreira teve ainda maior consagração, por constituir o titulo dessa recompensa, perdurando, assim, em quadro lapidar, naquêlê historico quartel, a poucos metros do proprio jazigo...



O serão de Arte

Às 9 horas e 1 quarto da noite, anunciava-se em minha casa o primeiro convidado; e—curiosa coincidência,—era o Alferes Manuel Sampaio, representante do Comandante de Infantaria 4, unidade que sucedeu ao antigo Batalhão de Caçadores do mesmo numero, onde meu Pai serviu 31 anos! A seguir, appareceu o Coronel Silva Pereira, representante de Infantaria 15 e 18. Os dois Officiaes estavam á hora marcada nos convites (9 e meia) como se se tratasse de uma formatura.

Foram tambem pontuaes o Capitão João Calado, engenheiro distintissimo; Diocleciano Leão Cabreira, filho

do General Viriato Leão Cabreira e meu imediato sucesor na Representação da Família, sua Esposa e Filhas; minha prima D. Camilla Leão Cabreira, filha do General Frederico Leão Cabreira: o Dr. Armelim Junior, gloria da tribuna forense, o grande e devotado amigo que me acompanha em todos os momentos de angustia ou felicidade; José Cordovil, o primoroso sonetista, e seu irmão Rui Cordovil, elegante prosador, companheiros queridos de generosos empreendimentos; Vi orino de Magalhães, artista de merito; a talentosa escritora D. Alice Monteiro; o apreciado baritono Magalhães Barros, o prior José Antonio Monteiro, ilustrado sacerdote,...

Depois, outros e mais outros amigos, dos que também *sentem e compreendem* o significado destas solenidades.

Nessa concorrência elegante, onde também havia fardas e casacas consteladas de condecorações, destacavam-se muitas senhoras, que davam o tom da beleza plastica, a completar o da beleza moral que transluzia no ambiente.

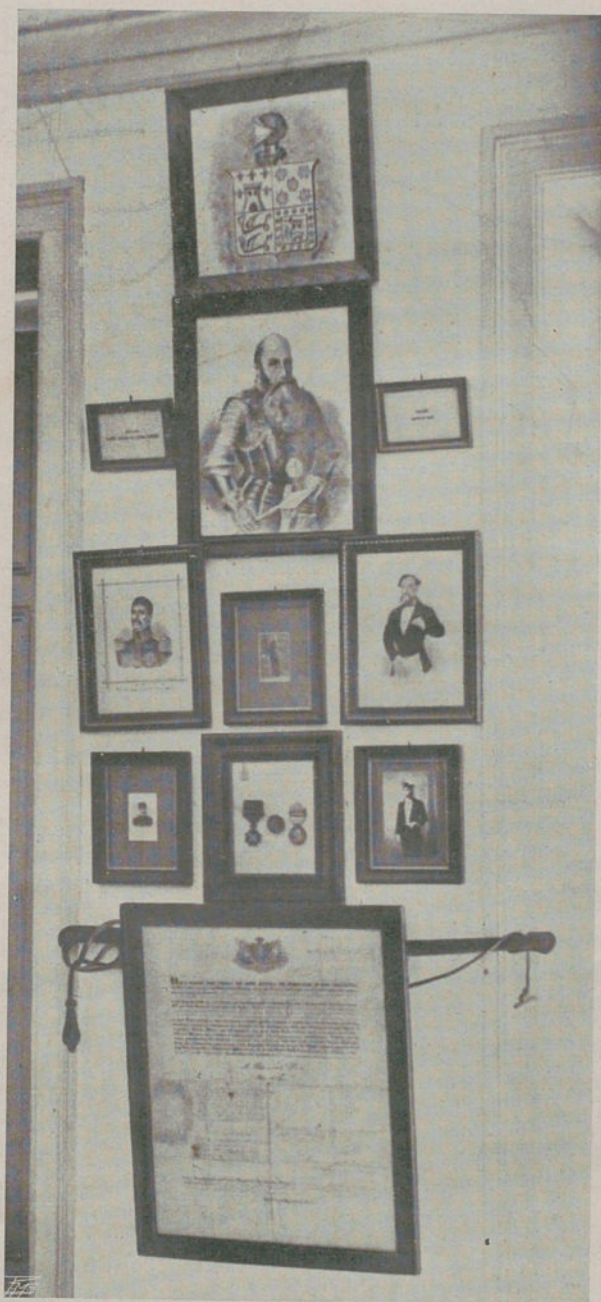
Dentro em pouco, eram ocupadas as dezenas de cadeiras que se comprimiam na sala, saleta e no corredor do 1.º andar, não faltando ainda gente nas casas contiguas... Estava tudo a postos: só faltava o principal — o quintêto, cuja organização fôra confiada ao illustre maestro Pavia de Magalhães, professor do Conservatorio.

São 9 horas e 3 quartos...; dão 10 horas... , passam 5,10 minutos... , um quarto... Começa a ansiedade. Cada minuto leva um seculo a decorrer. Quem experimenta essas torturas sou eu... Os convidados estão entretidos a conversar. As senhoras contribuem imenso para a animação.

Pelas 10 e meia, ouvem-se muitos e apressados passos na escada. Vou á porta: é Pavia de Magalhães que chega com a sua gente. *Toilette* de rigor e optima disposição.

Tinham combinado juntar-se: daí a razão da demora.

— Chegou a musica! anunciei, radiante, para todos os lados. Os executantes dirigem se, com dificuldade, para os logares. São eles: Pavia de Magalhães, violino;



A patente inaugurada

Filipe Fernandes, violeta; Fernando Costa, violoncelo; Dario de Oliveira, contra-baixo; e D. Regina Cascaes, piano. Vem tambem D. Aurora Marques, cantora. Todos profissionais eximios, a começar pelo chefe, considerado já uma gloria nacional.

A sala está irrespiravel e á porta aglomera-se um grande grupo.

As flores e as velas dizem admiravelmente com o branco do tecto e dos «lambris» e o verde adamascado das paredes. A simplicidade da decoração e os objectos de arte que o talento estetico de meu Irmão disposera ali, dão-lhe uma elegancia desusada.

Vae, finalmente, começar o concerto.

Enquanto a assistencia espera apenas ouvir trechos esplendidos, eu vou sentir, nesses acordes, o cantico da minha alma, em extasi, perante um mundo de emoções...

Rompe o 1.º numero. E' a marcha que o maestro Manuel Ribeiro compôs, gentilmente, em comemoração das minhas bôdas de prata. Tem a contextura de peça classica, e obedece a um superior pensamento de homenagem. Tal execução representa uma penhorante deferencia para o promotor da festa.

Segue-se a «Thaïs», «Meditation», de Massenet, em que Pavia de Magalhães confirma o seu talento como solista de violino.

Vem, depois, a inspiradissima «Serenade», de Schubert, que entusiasma o auditorio.

Temos agora numeros de canto.

Magalhães Barrós, delicia-nos com o trecho *Dio possente*, do «Fausto», essa admiravel opera de Gounod.

A sr.^a D. Aurora Marques, laureada soprano, canta as romanzas de Pavia de Magalhães «Mãos frias, coração quente», letra do Dr. Augusto Gil, e «E's feia».

A primeira parte termina com o divino adagio «Clair de lune», de Beethoven.

E' a preparação para a cerimonia emotiva: Então, todas as saudades, todas as recordações, todo o passado que recebe luz e côr dessas saudades e dessas recorda-

ções, resurgem e resplendem na minha alma. O genio da-
quele imortal artista tange-me o coração...

Sofro e goso; alcandoro-me a pensamentos e emo-
ções sublimes que me fazem estremecer até á ultima fi-
bra, num transporte infavel...

.....
Os cavalheiros dão o braço ás damas e dirigem-se
para o 2.º andar. O quinteto executa a marcha «Saudade»,
que enternece profundamente.

Entretanto, os convidados vão enchendo o meu gabi-
nete de trabalho, ficando todos de pé.

O aposento, donde saíra a meza, tem o aspecto de
um templo religioso e civico. As imagens de Santo Anto-
nio e de Santo Aleixo, preciosas esculturas seculares,
entre velas e flores; os bustos de Camilo, Eça, Wagner
e Laplace, emergindo de estantes, —aquelas, simbolizando
a Fé, estes, a Literatura, a Arte e a Sciência, —infundem
acentuado misticismo.

A completar aquele sugestivo scenario e dando a
nota historica e militar, via-se, na parede comprehendida
entre as janelas, a espada e a primeira banda do General
Tomaz Cabreira, sob o quadro com as suas medalhas, aci-
ma do qual se ostentam, em ouro, os nomes do Marechal
Tomaz Cabreira e do General Barão de Faro, Diocleciano
Leão Cabreira, ficando: ao alto, o brazão da Familia, em
azulejo emoldurado; a seguir, o retrato de D. Paio Peres
Correia, e por baixo, os do Marechal Sebastião Cabreira,
General Visconde de Faro, Frederico Leão Cabreira; Ge-
neral Barão da Batalha, Green Cabreira; Coronel Tomaz
Cabreira e do actual Representante da Familia.

Na base, destacava-se um quadro grande, coberto
por um rico pano de seda negra do Japão, finamente bor-
dado a rôxo: era ali que se ocultava a patente ganha por
meu Pai no Alto do Viso.

Outras reliquias se expunham ainda á luz frouxa e
tremula das velas: as patentes de Tenente e de Capitão,
o numero 18, em metal dourado; o Almanaque Militar de
1879, com varias anotações do homenageado; o tinteiro

que me ofereceu, a certidão de idade e a marcha dos maestros João Mineiro e Antonio Pena, tudo cuidadosamente disposto na diminuta escrevaninha onde trabalho e que fôra encostada á parede. Suspensa na estante que contém o Arquivo, estava o 3.º exemplar do diploma do Premio Comemorativo do Centenario. Recordações de infancia, objectos de Familia, edições dos meus trabalhos e muitos livros de diversos autores pejavam as outras cinco estantes, continuando as paredes revestidas de mais retratos e diplomas academicos, alfaias condignas do culto espiritual que se exerce em tal casa.

Quando ocupei a presidencia, no angulo sul, cessára a marcha «Saudade», deixando-me sob uma grande impressão nervosa.

O silencio tornou-se profundo, a expectativa era a dos momentos solenes...

Então, a principio ligeiramente tremulo, depois possuido de maior comoção que, nas passagens mais expressivas da minha saudade, me chegou a embargar a voz, li a seguinte alocação :

A vida dos individuos conta-se por anos, como por seculos se marca a vida dos povos. São as proporções dessas vidas que estabelecem a unidade de tempo a adoptar. Por tal motivo, só referimos um individuo a seculos quando os seus feitos lhe perpetuam a memória ; de onde resulta só justificar-se, perante tal condição, a celebração centenaria com o significado de uma homenagem civica.

Todavia, cada lar é tambem uma pequena Patria, com os seus heroes, as suas lendas, a sua historia. Cada alma é tambem um templo sagrado com os seus santos, as suas devoções, os seus ritos.

E se, nêsse lar, vicejar uma saudade vivaz, e se, nessa alma, florescer o amor filial, o sêr que motivou essa saudade e esse amor, por mais modesto que seja, merece tambem uma comemoração centenaria, mas dentro do mesmo lar ou junto dos altares de Deus em fervorosa prece pela sua paz eterna.

Os heroes em cada familia são o exemplo, o estimulo, a lição constante; as lendas dão lhes o realce poetico que encanta a imaginação; e a sua historia constitue trechos dos proprios Fastos Nacionaes. E a alma, se vibra em sublimes ternuras e determina impulsos nobres, dá ao coração a bondade e ao character a grandeza, que preservam da decadencia da Raça e dos morbos da Civilização.

Posto isso, vê-se que á justiça e ao prazer affectivo da comemoração centenaria de um Chefe de Familia cuja memoria é querida e saudosa, se junta o dever de consciencia e a vantagem social de a efectuar, se ele illustrou essa Familia com o exemplo de virtudes excelsas ou novos titulos de gloria.

É por concorrerem ambas as circumstancias no inclito varão a que vou referir-me, que tive a honra de promover a celebração de hoje.

No dia 30 de abril de 1822, nasceu, em Tavira, Tomaz Antonio da Guarda Cabreira.

Foi seu Pai o Marechal de Campo, do mesmo nome, cuja carreira militar fulge como uma serie de triunfos desde que, ainda cadête, bateu, nos campos da França, as aguias napoleonicas, até á vitoria de Val da Mata, onde alcançou aquele posto por distincção.

Teve como padrinhos seus Primos o heroico Marechal de Campo Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, então Brigadeiro Governador das Armas do Algarve, benemerito restaurador de Faro, em 1808, e altivo Chefe Militar da Revolução de 1820; e Sebastião Francisco Green Cabreira, — filho e ajudante do anterior, — mais tarde Barão da Batalha, e que tambem atingiu a patente de General, depois de se cobrir de gloria em varios combates.

Foi este illustre Oficial que o alistou, em 1842, no famoso Batalhão de Caçadores 5, de que era Comandante.

Tomaz Cabreira, por atavismo e educação, havia de honrar os feitos imarcessiveis de seus Maiores, logo que se lhe oferecesse ensejo.

De facto, sendo 1.º Sargento, quando da Acção do Alto do Viso, em 1 de maio de 1847, bateu-se com nobre valentia, na defesa do reduto e em todas as outras fases da peleja, comandando um pelotão que foi o primeiro a entrar em Setubal.

Era nutridissimo o fogo da artilharia e da fuzilaria que afrontou, e pouco numeroso o efectivo das tropas que, demais, sofriam prolongadas e duras provações.

Mas a decisão e a bravura delas foram taes que «a batalha estava completamente perdida para Sá da Bandeira, quando lhe pôs termo o armistício devido á intervenção do comandante de um navio inglês que pairava nas alturas de Setubal.» (*)

O celebre cabo de guérra, sofria, assim, a sua segunda derrota: a outra, — curiosa coincidência! — infligira-lhe, 15 anos antes, o Marechal Cabreira, Pai de um dos seus vencedores de agora!

A iniciativa, a coragem e até as faculdades de comando que o joven Sargento manifestou nessa Acção foram premiadas com o posto de Alferes e a Medalha de Valor Militar, á qual juntou ainda a de prata de Comportamento Exemplar e o Habito de S. Bento de Aviz.

Nesse tempo, o posto por distinção e aquella Medalha só se conferiam ao heroísmo autentico, brilhantemente demonstrado.

É justo assinalar que tão eminente qualidade militar era ainda realçada, nêle, pela fidelidade absoluta ao juramento de Bandeiras, pois Tomaz Cabreira defrontou-se com defensores da Causa Legitimista, que, se não eram afins das suas ideias, haviam de ser, pelo menos, simpáticos ao seu coração de filho.

Ainda neste ponto, se parecia com seu austero Pai que, em rígida obediência a idéntico compromisso de honra, repeliu, indignadamente, sacrificando até a propria vida, as amaveis e utilitarias propostas de «arranjo» que lhe ende-

(*) Pinheiro Chagas, *Dicionario Popular*.

rêçou Sá da Bandeira, quando a Causa Constitucional já estava prestes a vingar.

Em 1851, ascendia ao posto de Tenente, e, em 1868, ao de Capitão, sendo, respectivamente, colocado em Caçadores 4 e 8.

Naquele ano, ficou sendo o Representante da Família Cabreira e o Senhor do Morgado do Patarinho,—que valorizou bastante com a sua atilada administração,—por morte de seu Avô paterno o Tenente Coronel João da Guarda Cabreira cujo denodo e amor patrio se revelaram, distintamente, na restauração de Castro Marim e no cêrco de Elvas contra o dominio francês.

Meu Pai mostrou, novamente, a sua bravura na revolta popular de 1872, em Tavira, motivada pelo estabelecimento do vigente sistema de pesos e medidas. À frente da sua Companhia,—a 8.^a de Caçadores 4,—repeleu com grande energia, á arma branca, a multidão desvairada que apedrejava e pretendia invadir o antigo quartel da Graça, séde do Batalhão. Dessa vez, ficou ligeiramente ferido no peito, facto que só comunicou ao cirurgião-mor dr. Pita Simões o qual m'ò referiu, apenas, ha poucos anos.

Em 1879, foi promovido a Major para Caçadores 10, unidade que comandou, governando, ao mesmo tempo, o Castelo de Angra.

Transferido para Infantaria 15, foi ainda o seu Comandante, recebendo, ao despedir-se do Regimento, uma grande manifestação de respeito e estima em que tomou parte toda a officialidade.

Em 1882, atingiu o posto de Tenente Coronel, sendo colocado em Infantaria 18 cujo comando tambem exerceu.

Ano e meio depois, passou a Infantaria 15, donde, decorridos 6 mezes, regressou a Tavira, no goso de licença.

Nessa epoca, a tarefa dos Officiaes Superiores dos corpos de Infantaria era deveras árdua, pois os serviços não estavam ainda divididos por Batalhões, cuja creação, como unidades administrativas, trouxe mais dois Majores a cada Regimento.

Alem disso, ministrava-se a instrução por forma intensiva. Assim, sucediam-se as «teorias», conferencias para Officiaes, e os exercícios de campo, em ordem unida e extensa, por escolas de pelotão, companhia e de regimento, sendo ainda frequentes as revistas em ordem de marcha e outras formaturas e serviços de varia especie, exigidos pelos Generaes Inspectores da Arma.

Tambem, nessa epoca, o quartel era a escola do respeito, da disciplina e da compostura, que se praticavam sem coacção, num impulso espontaneo da boa indole portugêsa. É que então o morbo revolucionario não invadira ainda os organismos militares, os costumes eram mais puros e os soldados permaneciam bastante tempo na fileira.

As praças viam, em cada superior, um protector, e, no Comandante, um verdadeiro pai. Por isso, obedeciam-lhes por instinto e até com manifesto prazer.

Os Officiaes tratavam as praças com rigor ou benevolencia, conforme as circumstancias o exigiam: nem as castigavam sem motivo justificado nem acamaradavam com elas em conciliabulos atentatorios da ordem publica. Por isso, a Autoridade mantinha-se com firmeza e assentava numa reciproca confiança, plena consciencia de deveres e, sobretudo, na comunhão de uma grande lealdade.

Nestes termos, aquella licença impunha-se, como tre-gua do esforço mental e fisico, dispendido durante tantos anos, mas, nunca agravado pelas contrariedades de natureza disciplinar, que tornam, hoje, espinhosissima, a missão do comando.

Entretanto, — estava-se em 1884 — foi promovido a Coronel e nomeado Comandante de Caçadores 11.

Sentindo-se ainda fatigado e sofrendo já os primeiros rebates da doença que havia de prostra-lo, reformou-se no posto de General de Brigada.

Pouco tempo aproveitou o repouso de que tanto carecia, pois faleceu em Tavira a 10 de Novembro de 1886, sendo sepultado em jazigo proprio no antigo Cemiterio da Ordem Terceira de S. Francisco.

O seu funeral, onde o Regimento de Caçadores 4, na maxima força, prestou as honras da ordenança, foi uma solene demonstração de pesar, por parte da cidade.

Tomaz Cabreira tinha todas as altas qualidades que constituem o timbre militar: probidade inconcussa, integro espirito de justiça e de disciplina, bravura indomita, intelligencia clara, compreensão exacta das funções que desempenhava, indole conciliadora, dentro da dignidade, e benevola, sem prejuizo da equidade; inquebrantavel firmeza de conduta, amor ao trabalho e cultura profissional.

Como cidadão, possuia predicados que estavam ao nivel daquelas qualidades: rigidez de costumes, devoção patriótica, bondade extrema, afabilidade de maneiras, illustração variada, tendo sido ainda Filho dedicado, Esposo exemplar, Pai amantissimo, Amigo leal e disvelado Protector dos humildes.

Por isso, gosava de grande prestigio no Exercito e de respeitosa simpatia na sociedade civil.

Por isso, a sua veneranda e querida imagem perdura e esplende ainda, no templo da minha alma, entre a Gratidão e a Saudade, duas das flores mais belas do coração humano!

*

O programa deste Centenario não reveste a pompa das grandes celebrações publicas, mas tem o significado affectivo e espirital, a nota historica e militar, consentanea com a indole do consagrado e o intuito da comemoração.

Assim, hoje, de manhã, foram os meus rendeiros cobrir de flores o jazigo, numa saudação de respeito e ternura a quem foi, primacialmente, um honesto, um justo e um bom.

Homenageando o combatente distinto, instituí um Premio de 100 escudos para a praça do Grupo de Batalhões de Infantaria 4, aquartelado em Tavira, que tenha melhor comportamento em campanha, sendo adjudicado ao 1.º cabo João José Moisés, que recebeu do digno Coman-

dante a sobredita importancia e o respectivo Diploma, perante os Officiaes e os Sargentos do mesmo Grupo.

Sufragando a alma do crente, rezou-se hoje Missa na Igreja de S. José, de Lisboa, havendo amanhã outra na Igreja de S. Francisco, daquela cidade.

Pedi que fosse executada, em ambos os actos, a linda Marcha « Saudade », que ouvimos ha breves instantes.

Se é certo que a utilidade da prece está na intenção e no fervor, não é menos certo que a melodia funebre, quando inspirada no sentimento que se manifesta nessa intenção e com esse fervor, faz vibrar em unisono, com ele, todas as almas piedosas, e sobretudo, as que choram a perda de um ente querido...

A cerimonia principal, embora efectuada na intimidade de um lar e restrita ao rito inspirado pelo amor filial, consta do presente serão de Arte. E' aqui, neste estreito ambito, — estreito pelas dimensões e ainda para conter a grandeza de sentimentos sob que vibram os que prezam a memoria do homenageado, — que essa memoria recebe perfeito culto.

De facto, as harmonias, sublimes pela elevação e grandeza, com que o concerto nos tem deliciado, sugerem-nos o patriota sincero, o official brioso, o character altivo mas repleto de bondade... E, tendo ele cultivado a musica com talento e devoção, torna-se, ainda por esse titulo, inteiramente adequada a colaboração da divina Arte dos sons

Das modestas palavras que profiro e das que vão seguir-se, resalta uma impressão identica, mas, em vez de vaga e especialmente estetica, determinada já por um conhecimento concreto, dado pelo discritivo e respectiva critica.

E, assim, a expressão moral e historica de Tomaz Cabreira não se limita a tocar a intelligencia do auditorio; penetra-lhe na alma, posta em vibração emotiva pela musica, tanto mais que a qualidade dêste auditorio é de molde a sentir o significado affectivo da manifestação.

Com efeito, abrilhantam a solenidade todos os ele-

mentos ilustres que, nesta hora memoravel para mim, devem participar da comoção que experimento, pelos diversos laços que os prendem ao homenageado ou a seus filhos.

Assim, tenho a felicidade enorme de ver os dignos Representantes dos Regimentos de Infantaria 4 (que historicamente continua os antigos Caçadores do mesmo numero), 13 e 18; membros da Familia que me orgulho de representar, as Direcções dos Institutos Tomaz Cabreira e Antonio Cabreira, confrades meus e tantos companheiros que me aparecem sempre em todos os momentos emotivos.

Em espirito, estão comigo ainda outros amigos dedicados e prestantissimos que a doença impediu de comparecer. Dêstes, devo destacar dois que teem importancia especial para o meu coração: o Prior Francisco de Paula da Fonseca Neves, a quem devo o conhecimento das primeiras letras; e o General Antonio Julio de Sousa Machado, que, eloquentemente, expressou a meu Pai a veneração e a estima do Regimento de Infantaria 13, no acto de despedida a que me referi já.

Ambos se associaram á festa, em cartas repassadas de justiça e saudade para o homenageado, e de amizade, ternura e nobreza para mim, pelo que muito me comoveram e honraram,

Para perpetuar a celebração, nêste verdadeiro Santuario de Familia, vae expôr-se o documento que consagrou meu Pai como militar, e que, por isso, fica, logicamente, junto da primeira banda que ele cingiu, das medallas que mereceu e da espada que empunhou com intrepidez e galhardia.

Convido o sr. Coronel Silva Pereira, illustre Representante dos Regimentos de Infantaria 13 e 18, a descerrar a patente ganha, em campanha, pelo antigo e nobre Comandante dêsses Regimentos, o General Tomaz Cabreira.

O sr. Coronel Silva Pereira descerra o quadro, que é saudado com uma prolongada salva de palmas.

Depois, dou a palavra ao mesmo illustre Oficial.

Então, ele leu o seguinte discurso com voz pausada, firme e bem nitida, dando as inflexões próprias aos trechos mais evocativos e brilhantes :

30 D'ABRIL DE 1822 – Nascimento do General de Brigada Tomaz Antonio da Guarda Cabreira; 1 DE MAIO DE 1847 – Combate do Alto do Viso.

Após a celebração do Centenario do nascimento de Tomaz Cabreira, tem lugar o 75.^o aniversario do combate do Alto do Viso, no qual ele foi promovido por distincção.

O nascimento de Tomaz Cabreira veiu aumentar essa serie de homens illustres que a Familia Cabreira deu ao seu paiz, para o esplendor do qual contribuiram com todo o seu saber, inteligencia e valôr.

O combate do Alto Viso veiu avolumar a serie de acções guerreiras em que os membros da mesma Familia se viram empenhados.

*

Minhas Senhoras e Meus Senhores :

Solicitado pelo Ex.^{mos} Comandantes dos Regimentos d'Infantaria 13 e 18 para os representar, bem como ás corporações d'Officiaes, na comemoração do Centenario do General Tomaz Cabreira, sinto não ter os necessarios dotés para dar á minha palavra bastante brilho e calôr, como o fariam aqueles meus illustres camaradas se presentes fossem.

No entanto, sinto-me extremamente honrado por ser, n'estas cerimonias, o representante da officialidade de dois Regimentos que teem escrito os mais brilhantes feitos na Historia da Patria, e dos dois comandantes que são dos mais distintos da arma d'infantaria, srs. Coroneis Ernesto Sampaio e Alexandre Malheiro.

*

Quem lê, ainda que muito superficialmente, a Histo-

ria Militar Portuguêsa, principalmente do século xvii em diante, encontra, folha a folha, os membros da Família Cabreira citados, quer desempenhando altos e importantes cargos militares e civis, quer envolvidos nas acções e combates, ora se trate da defesa do patrimonio nacional, ora nas lutas politicas.

Vemos, por exemplo, o *Ajudante e Tenente Mestre de Campo General João da Ponte Cabreira* sobresaindo em Montês Claros, em Arronches e Assumar e no levantamento do cêrco de Elvas.

Vemos *Belchior de Alvelos e Brito* organizar e armar, á sua custa, tropas de mosqueteiros e de cavalaria, contribuindo para a expulsão dos inglêses de Lagos.

Vemos o *Tenente Coronel João da Guarda Cabreira* Chefe Militar da Revolta que libertou Castro Marim do dominio francês e tomar parte no cêrco de Badajoz.

Vemos o *Tenente ajudante d'Infantaria 14 José Maria Cabreira* morrer gloriosamente em França, em 1815.

Vemos o *Major José Cabreira de Brito e Alvelos Drago Valente* tomar parte na Revolta do Algarve contra o dominio francês.

Vêmos o *Marechal de Campo Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira*, que comandou a revolta de Faro em 1808, contra o dominio francês, tendo-se distinguido ainda nas guerras do Russillon e da Catalunha, e, ser depois, um dos heroes de 1820.

Vêmos o *General de Brigada Sebastião Francisco Green Cabreira*, Barão da Batalha, antigo Comandante do Batalhão de Caçadores 5, tornando-se notavel nas campanhas a favôr da causa constitucional.

Vêmos o *Tenente General Diocleciano Leão Cabreira* comandar a Artilharia da Legião Lusitana nas Guerras de Napoleão.

Vemos ainda o *Marechal de Campo Tomaz Antonio da Guarda Cabreira* ser promovido, por distincção, a este posto e agraciado com os titulos de Conde de Lagos e Visconde do Val da Mata por ter derrotado, na batalha

d'este nome e perto de S. Bartolomeu de Messines, o grande cabo de guerra Visconde de Sá da Bandeira, tomando tambem parte e mostrando o seu heroismo nas Campanhas da Guerra Peninsular.

E muitos outros membros da Familia Cabreira houve, por igual, ainda illustres e valorosos, que peço me dispensem de mencionar, porque a lista é quasi interminavel.

D'esta distinta ascendencia, com um progenitor de tão alta envergadura, como era o referido Marechal de Campo Guarda Cabreira, sendo sua Mãe a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana Paula Vizetto, dama d'alta estirpe e neta do Capitão Germin Vizetto, nobre genovês, que admira Tomaz Cabreira seguir a carreira das armas, apresentar-se-nos digno sucessor dos seus antepassados, nas altas qualidades civicas e moraes, no seu valôr militar, na distinção do seu porte e na bondade de seu coração?

Assim, assentou praça como voluntario, aos vinte anos, em 16 de Dezembro de 1842, no glorioso Batalhão de Caçadores n.º 5, e aí serviu como praça de pret 4 anos, 5 meses e 19 dias até junho de 1847. Como 1.º Sargento do mesmo Batalhão, tomou parte nas campanhas de 1846 e 1847, na columna de operações ao Sul do Tejo, sob o comando do General Conde de Vinhaes, assistindo á celebre acção do Alto de Viso, em 1 de Maio de 1847.

*

Uma longa serie de discordias ensanguentou o reinado da Rainha D. Maria II, e, de todas, a mais terrivel foi a que, em Maio de 1846, se agitou no Minho e se repercutiu por todo o paiz. Os revolucionarios nomearam no Porto uma Junta Provisoria cuja presidencia foi dada ao Conde das Antas, aderindo á Revolução o Visconde de Sá da Bandeira.

Esta Junta, apesar de dispôr de vastos recursos, não era, comtudo, feliz, graças, diz-se, á impericia dos seus generaes.

Sá da Bandeira era batido, em Val de Passos, pelo

Barão de Casal ; o Conde de Bomfim, em Torres Vedras, pelo Marechal Saldanha; Celestino pelo General Schwalbak, em Viana do Alemtejo, etc.

Apesar d'isso, a insurreição era tão forte que foi necessária a intervenção estrangeira.

A esquadra inglesa aprisionou a esquadra da Junta, com a divisão do Conde das Antas a bordo, e um exercito hespanhol fa ocupar o Porto.

Permitam V. Ex.^{as} passar em claro varios factos que, se por um lado, seria interessante indicar, por outro prolongaria muito esta insignificante palestra, tornando-a fastidiosa.

Passêmos então ao que mais directamente se conjuga com o assunto que nos interessa. (1)

Operava ao Sul do Tejo a Divisão das forças militares da Rainha, comandada pelo Conde de Vinhaes, nos principios do ano de 1847.

Em 30 d'Abril d'este ano, occupava esta Divisão o Alto do Viso, ponto culminante da Serra do Viso, que se prolonga de N. a S. e perto de Setubal.

Fazia parte d'esta Divisão o Batalhão de Caçadores n.º 5, recentemente criado em 24 de Março, visto o primeiro Batalhão ter sido extinto por haver seguido o partido da Junta e formado Caçadores 1 da mesma Junta, os Leaes Caçadores.

O 1.º Sargento Tomaz Cabreira fazia parte de Caçadores n.º 5, das tropas governamentaes.

As tropas da Junta comandadas por Sá da Bandeira, e de que faziam parte os outros Caçadores, occuparam a então vila de Setubal.

*

As numerosas victimas, sepultadas no Alto de Viso, foram sacrificadas ao brio irrefletido ou antes á maior das imprudencias.

(1) Parte historica: - *Diccionario Popular, Portugal antigo e moderno e Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas.

Não foram só os academicos a quem o verdôr dos anos e o fogo da juventude levaram a fazer instancias menos prudentes e que resolveram o Visconde de Sá a dar batalha; a vontade de sair a campo e de atacar as forças do Alto de Viso era manifestada por toda a Divisão.

A principio, era só a vontade, depois veio o murmurio, e, finalmente, pronunciavam se a desordem e a indisciplina.

Sá da Bandeira foi d'isto avisado e manifestou o desejo de se demitir se a Divisão se insubordinasse, pretendendo impôr-lhe ordens.

.....

Nas vespersas de 1 de Maio, quando Setubal tinha quasi pronta a sua linha de defesa e as forças que a guardavam haviam tomado melhor ordem, o Visconde sabia quaes as tropas que tinha pela frente e que não podia dar acção por ponderosas razões que não podia revelar.

Já no dia 27 havia sido instruido de que, em 18, os governos hespanhol e inglês tratavam de uma convenção que devia ser honrosa e conveniente tanto para a Rainha como para a Junta.

No dia 29, entrava no Sado o vapor de guerra inglês «Polyphemus» cujo comandante notificou a Sá da Bandeira que o Governo da Rainha havia aceitado a mediação da Inglaterra para se pôr termo á guerra civil, propondo a suspensão das hostilidades.

O Visconde entendera não dever dar a acção, mesmo porque lhe faltavam munições.

Os soldados e os academicos instaram com o General para atacar o inimigo, os comandantes dos corpos declararam que se não responsabilizavam pela disciplina, se a acção se não desse, e então, violentado e, por assim dizer, arrastado, anuiu para evitar maiores desgostos.

A tropa recebeu com grande satisfação a noticia de que o combate se daria no dia seguinte, 1 de Maio. O Conde de Vinhaes foi prevenido mas não acreditou tal noticia, visto não ignorar as negociações pendentes.

Pelas 6 horas da manhã, pouco depois do Conde ter feito a descoberta sobre Setubal e recolhido aos seus entrenchearmentos, rompeu Sá da Bandeira as hostilidades da forma seguinte :

As suas tropas formaram duas colunas. A primeira era composta de Caçadores n.º 3, Fuzileiros da Liberdade, Movel de Coimbra, Artilharia de Campanha e 120 cavalos.

Constituíam a segunda o Batalhão de Caçadores n.º 1, antigo Caçadores n.º 5, a Emigração Lusitana, 2.º da Legião; a Companhia de Cintra e 60 cavalos.

A primeira devia apoderar-se da posição em que Vinhaes apoiava a sua direita e ganhar a posição sobranceira á esquerda inimiga, para ahi montar a artilharia e proteger a segunda coluna que devia atacar e destruir o reduto, n'aquella posição esquerda, e operar d'acordo com a outra coluna.

Alem d'isso, Caçadores 6 iria postar-se junto de S. Paulo, ameaçar a estrada e retaguarda inimiga, e a Brigada do Algarve formaria a reserva principal. Esta Brigada era formada pelos Batalhões de Atiradores 1, de Faro ; 2, de Albufeira, e parte do 3.º, de Lagos.

Os navios de guerra protegiam o movimento, fazendo fogo sobre as posições do conde de Vinhaes. Descrevamos o combate.

A coluna da direita marchou pela estrada de Azeitão, e a da esquerda, para chamar a atenção do inimigo, seguiu a coberto pelo caminho proximo do Castelo de S. Filipe.

A rapidez do ataque fez com que as forças de Vinhaes perdessem a forte posição da direita.

O Conde, apenas soube que era atacado e que já tinha perdido as primeiras posições, tão vantajosas, reuniu, immediatamente, a sua Divisão e ordenou que a 1.ª Brigada, composta de Infantaria n.ºs 1 e 2, uma companhia da Guarda Municipal de Lisboa e um esquadrão de Cavalaria n.º 5, marchasse pelas ladeiras que subiam ás altas posições da direita.

Então, a artilharia de Sá da Bandeira, postada nas

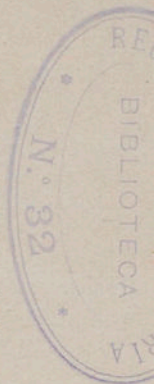
alturas, fulmina aquelas forças, que sofreram logo bastantíssimas perdas, ficando feridos, entre outros, o Coronel Barreto e o Tenente Coronel Pereira.

Engajou-se então um fogo vivíssimo entre as duas Divisões, e ambas se batiam galhardamente. Morreram logo, na primeira carga, o Tenente Coronel Castello Branco e o Tenente Pancada, aos golpes do Tenente Galamba, que, destemidamente, correu a vingar a morte do seu camarada.

As tropas da Junta, protegidas pela sua artilharia, repeliam com vigor o ataque e sustentaram as posições. Em breve, a companhia da Guarda Municipal avança em direcção aos Caçadores da Junta, que, de repente, se vêem envolvidos pela Infantaria e carregados pela Cavalaria, retirando em desordem, não escutando a voz de «firme» dada pelo seu comandante Major Azevedo Cunha. Os Fuzileiros da Liberdade, que estavam de reforço, sustentaram-se para dar lugar aos Caçadores se reformarem; mas as espingardas erravam o fogo por terem os canos sujos e os ouvidos entupidos. Estas espingardas tinham sido aprehendidas a um vapor inglês e destruídas na véspera da acção. Então, o Conde de Vinhaes empregou esforços superiores e, bem assim, toda a sua Cavalaria. As forças da Junta foram cedendo terreno, protegidos pelos fogos do Castelo de S. Filipe e dos vapores de guerra, abandonando, assim, os Caçadores, os Fusileiros e o Movel de Coimbra as suas posições.

O Corpo Academico, comandado pelo Capitão Fernando Mousinho d'Albuquerque, tendo avançado, foi atacado por forças superiores e obrigado também a retirar, ficando no campo alguns mortos e feridos, entre eles o comandante, e deixaria o campo coberto de cadáveres se, por um movimento rápido, não se acolhesse ao Castelo de S. Filipe cuja artilharia, fazendo fogo sem cessar, os salvou. Enquanto isto se passava na esquerda, vejamos o que sucedia com a coluna direita da Junta.

A 2.^a Legião, uma companhia do «Lisbonense», e a



companhia «Cintrense» repeliram as primeiras forças do Conde de Vinhaes que estavam emboscadas.

Caçadores 1 e os Cintrenses subiram á montanha, chegando ao reduto paralelo ao Forte Velho, começando a destruição d'ele debaixo de vivo fogo.

Em defesa d'esta importante posição, Vinhaes mandou logo a 2.^a Brigada, composta de Caçadores 5, Infantaria 6, 2 peças d'artilharia e 60 cavalos.

Travou-se então vivissimo combate, de mais de duas horas, com muitas baixas e varios sucessos em um e outro campo.

Foi chamada a reserva da Junta, mas a ala direita já havia cedido terreno e ocupava outras posições apoiada pelo Forte Velho.

Começou, depois, a escassear a polvora que os comandantes requisitavam constantemente e a que Sá da Bandeira respondia «já lá vae», sabendo que a não tinha.

Nesta conjuntura, apresentou-se a Sá da Bandeira o capitão inglês Mac Clererty que, em nome do coronel Wilde, convidou o General a suspender as hostilidades, entregando lhe um officio em que aquêlê dizia que, tendo a Rainha aceitado a mediação da Inglaterra e tendo o Visconde atacado as tropas d'ela, Rainha, o informava de que, se ficasse vitorioso, iria provavelmente de encontro ás forças britannicas que estavam no Tejo, e se fosse derrotado, recomendara que as tropas por ele comandadas seriam excluidas do beneficio de amnistia que a Rainha tinha tenção de promulgar.

A acção continuava ainda com denodo, sobretudo na ala esquerda da Junta; e, recebendo Sá da Bandeira a promessa de que o Conde de Vinhaes mandaria cessar o fogo immediatamente, o Visconde deu ordem para que, tambem, cessasse da sua parte.

Eram 9 horas da manhã. O campo estava coberto de mortos e feridos, sendo o maior numero das forças de Vinhaes, por terem feito todos os seus avanços debaixo dos fogos renhidos da esquadra e da artilharia do Castelo de S. Filipe e do Forte Velho.

As forças recolheram então ás suas antigas posições. Não ha sombra de duvida que Sá da Bandeira não se encontrava em condições de dar batalha e, não obstante se proclamar vitorioso, citando o facto da tomada do reduto no principio da acção, o que é incontestavel é que sofreu uma completa derrota, que mais se acentuaria se não fosse a intervenção do coronel inglês a que me referi.

O grande escritor Manuel Pinheiro Chagas diz que «A acção do Alto do Viso, foi, pois, verdadeiramente o epilogo tragico d'essa luta que poucas vezes se pode chamar heroica.»

O 1.º Sargento Tomaz Antonio da Guarda Cabreira, comandando o seu pelotão, seguiu denodadamente o resto da sua unidade, em defesa do reduto, que, na primeira avançada das tropas da Junta, tinha sido tomado, e com toda a Brigada sustentou, por mais de 2 horas, o fogo inimigo, com tanta coragem e valôr que foi promovido a Alferes, por distinção, no campo da batalha, por proposta do Conde de Vinhaes.

Esta proposta foi aprovada por Decreto de 4 de Junho, sendo Tomaz Cabreira, mais tarde e pelos mesmos feitos, condecorado com a medalha de prata de Valôr Militar.

*

Não foi mais dado ao ilustre Oficial mostrar o seu valôr, porquanto a estas continuas agitações se seguiu uma relativa calma. E, assim, Tomaz Cabreira votava ao Exercito todo o seu amôr, manifestado no zêlo e dedicação pelo serviço, na sua instrução e na dos seus subordinados, apresentando-se, sempre, cumpridor e disciplinado e exigindo dos seus inferiores rigorosa observancia de deveres.

Correndo os anos, foi promovido a Tenente graduado, em 1851, continuando em Caçadores 4 para onde passava em 1848. Transferido para Caçadores n.º 7, em 1856, e voltando àquela unidade, foi promovido a Tenente efetivo, em 1860.

Capitão em 1868, Major para Caçadores 10 em 1879, passou para o 13, em 1880, onde esteve até 1882, em que foi promovido a Tenente Coronel, sendo colocado no 18, depois de estar pouco tempo na situação denominada «arma».

À saída da vila de Chaves teve uma despedida afetuosa por parte da officialidade do Regimento que deixava e onde era querido e respeitado.

Proferiu o discurso de despedida o então Tenente do 13 e actual illustre General e heroe do quadrado de Coolela, Sousa Machado que, hoje, de manhã, vimos assistir á Missa que teve lugar em S. José, prestando, assim, homenagem ao seu antigo Comandante.

Promovido a Coronel para Caçadores n.º 11 e sentindo-se doente, passou á situação de reforma, em General de Brigada, posto em que faleceu, a 10 de Novembro de 1886.

Além da medalha de Valôr Militar a que me referi, possuía o grau de Cavaleiro de Ordem de Aviz e a medalha de prata da classe de Comportamento Exemplar.

Eis a traços largos e simples, como simples era a sua pessoa, a biografia do estimado Oficial que, como digno sucessor de seus Maiores, honrou a Patria que lhe foi berço.

Legou a seus filhos os mesmos elevados dotes de character, em toda a acepção do vocabulo; a intelligencia e o valor. E, assim, vimos no Dr. Tomaz Cabreira, Coronel d'Infantaria, engenheiro civil distintissimo, Lente da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, deputado, senador e Ministro das Finanças, falecido em 4 de Dezembro de 1918, o trabalhador incansavel, a honestidade impoluta, o professor erudito, o militar brioso, o politico sensato; e no Ex.^{mo} Dr. Antonio Cabreira, em quem nós todos temos a honra de contar um amigo, aquelas qualidades de homem de acção, de valor e de tenacidade, de superior intelligencia e saber, homem de sciencia vasta e profunda, cujos mais dotes seria superfluo enumerar por que são de nós sobejamente conhecidos.

*

Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Cabreira:

Em nome dos Comandantes e Officiaes dos Regimentos de Infantaria n.^{os} 13 e 18, e em meu proprio nome, e por motivo do Centenario do illustre Pai de V. Ex.^a, eu apresento as minhas homenagens mais sinceras.

O orador recebeu unanimes e vivos aplausos.

A' emoção que haviam produzido as minhas palavras, que, por vezes, reçumbraram lagrimas, sucedera o prazer espirital de ouvir um estudo interessante onde o criterio historico e estrategico dava ao quadro o efeito adequado á celebração.

E, porque havia ali retratos de Generaes illustres e autenticas insignias de guerra, a descrição da batalha do Alto do Viso reconstituiu na imaginação do auditorio todo o drama da peleja; em que tropas portuguezas, embora divididas pelo odio politico, confirmaram o valor da Raça. O dismantelar do reduto, a tiro de canhão; as cargas da cavalaria e as operações da infantaria, deixando um rasto de feridos e cadaveres, perpassaram como uma visão epica sobre aquela patente, como se fôra um *écran* historico...

E, devo acentuar, áquella hora, estava-se já a 1 de maio, e, portanto, em plenas bôdas de diamante da memoravel Acção.

Com efeito, 75 anos eram passados sobre esse sangrento epilogo da Patuleia, ultimo arranco militar da Causa Legitimista e primeiro arrebol da Ideia Republicana...

Desejando que a parte literaria do serão fechasse com chave de ouro, dou a palavra ao Sr. Dr. Armelin Junior, declarando que assim o fazia porque as Senhoras e Cavalheiros presentes tinham manifestado empenho em o ouvir.

Aceitando o convite, o notavel pensador proferiu um belo improviso que, a meu pedido, conseguiu reconstituir e cujo teor é o seguinte :

— E' uma verdadeira traição esta do Sr. Dr. Antonio Cabreira!

Dar-me a palavra quando a não pedi!...

Deixar-me assim comprometido e confuso perante tão selecto e brilhante auditório!...

Não lhe perdão.

O que me vale, nesta grave conjuntura, é que nunca preparei um discurso oral; é a velocidade adquirida; é encontrar agora aqui tantos motivos de inspiração.

Primeiro, o proprio assunto versado nos dois notáveis e eloquentes trabalhos, que veem de ser primorosamente lidos pelos seus illustres Autores, distintissimos homens de sciencia e de letras; trabalhos tão belos na forma, quanto ricos de factos históricos, de conceitos profundos, de salutifera lição.

Depois, a presença e o conspecto destas gentilissimas Senhoras, que veem iluminar e aquecer este formoso scenario com a luz e o calôr, que irradiam dos seus olhos — os lindos olhos da mulher portugêsa, — engrinaldal-o com os seus encantos e perfumal-o com o aroma suavissimo das suas virtudes.

Nos seus magnificos trabalhos poseram em destaque, o Sr. Dr. Antonio Cabreira, com grande emoção, a alta figura de seu preclaro Pai, o General Tomaz Cabreira; e e o Sr. Coronel Silva Pereira, com larga erudição, muitas das figuras de relêvo da illustre *Familia Cabreira*, que, em vários e brilhantes lances da nossa gloriosa Historia, prelustraram esta, honrando a sua *Familia* e glorificando a *Patria*.

Poseram em realce, numa elocução castigada e térsa, as multiplas e raras qualidades, que exornaram esses prestigiosos vultos, pelas altas qualidades de espirito, de coração e de character; de saber, de bondade e de excelsas virtudes domesticas e sociaes, de nobre patriotismo, e de elevado valôr civico e guerreiro.

Em realce, e concomitantemente, está a figura atraente e simpática, prestigiosa e nobre, do actual e dignissimo Representante dessa precalra ascendencia e egre-

gia estirpe, no qual se consubstanciam e irmanam todas aquelas excelsas qualidades, até mesmo as agueridas, — se não as que se revelam e afirmam nos átros e mortiferos campos de batalha — as que se manifestam e reluzem nos vastos e luminosos campos das sciencias e das letras, da verdade e da justiça, do belo e do bem, nas incruentas e benéficas lutas sociaes da intelligencia e do saber, da virtude e do character.

E d'entre essas raras qualidades, destacam se e refulgem duas primaciaes, que n'Êle são dois dos seus mais fundos e nobres sentimentos, dois dos seus mais caros e puros ideais: o *Amor da Familia* e o *Amor da Patria*.

Para espiritos mesquinhos, almas inferiores, sem incentivos nobres nem superiores ideais, corroídas pela inveja, acirradas pela sua propria impotencia, estas constantes manifestações desse duplo amor, tão grande e dignificadôr, são averbadas de *exibicionismo* e *vaidade*! . . .

Os despreziveis sentimentos e perversos pensamentos, que inspiram tão baixas apreciações, para logo revelam a sua abjecta origem, — a má indole e pessimo character — e com tanto maior evidencia que não teem a minima censura, a mais leve arguição, para os que são a vergonha e a deshonra das suas familias e da sua Patria! . . .

As censuras, arguições, ridiculos e apódos, vão sempre e só para os que, — como o Dr. Antonio Cabreira — pelos seus talentos e saber, pelo seu coração e character, pela sua admirável actividade e indefêso trabalho, pelo seu intenso amor e nobre orgulho pela sua illustre *Familia* e pela sua gloriosa *Patria*, procuram, sempre em tudo e perduravelmente, enaltecêl-as e honrál-as.

Olvidam, porém, que as glorias da illustre *Familia Cabreira* não são exclusivamente glorias da sua pról, do seu actual Representante; mas glorias de nós todos, porque são lídimas glorias da Patria!

Superior, bem superior, porém, a taes arguições inanes e invejosas deprecições, está o Dr. Antonio Cabreira, que pensa, sente e cumpre aquella bela maxima de preclaro Moralista: — «*Tapa a bôca á calunia pela perse-*

verança em bem viver»; e ainda esta paráfrase d'aquela :
— «*Tápa a bôca á inveja pela perseverança em bem trabalhar.*»

Terminando :

Tem os povos orientais, frases modelares, curtas e sintéticas, de suprema beleza plastica e de elevadissimo conceito no fundo, que em si contêm, por vezes, um mundo de sentimentos e um mundo de ideias.

Eis aqui uma, lapidar na forma e profundissima no conceito :— «*A lama pode esconder o rubi ; mas não pode manchal-o*»; para significar que a *lama* da mentira e da calunia, da falsidade e do erro, da impostura e da inveja, pode, por momentos, efemeramente, ofuscar ou occultar, de todo, o luzente *rubi* da verdade e da justiça, da virtude e do bem, do verdadeiro mérito e real valia ; mas não poderá nunca manchal-o, e, menos ainda, destruil-o.

Tarde ou cêdo, reaparecerá em todo o seu fulgurante brilho.

Aplausos vibrantes acolheram o discurso do sr. dr. Armelim Junior.

Apreciando os dois illustres oradores, eu disse :

Se o sr. Coronel Silva Pereira, digno Representante de Infantaria 13 e 18, feriu a nota erudita, histórica e militar, o illustre pensador que é o sr. dr. Armelim Junior, tão notável jurisconsulto como orador e publicista, deu a nota da bondade, pela forma como exaltou as minhas qualidades de trabalho e a minha Obra.

Tão solenes palavras, a proposito de tão tocante e sugestiva cerimonia, onde o amor filial se confunde com a justiça devida ao mérito moral e militar, sagraram, de vez, este recinto. A minha Familia toda recebeu agora uma homenagem mais honrosa e alevantada de que a votada pela História, narrando e enaltecendo os seus nobres feitos. Nessas paginas, fala a inteligencia, a análise fria e imparcial dos factos. Aqui, a inteligencia, produzindo também essa análise, tem a sobredoir-la o

sentimento, a devoção, a solidariedade de sangue e de ideias. N'essas paginas, os meus antepassados são astros da grande constelação de heroes que resplendem no Ceu da Patria; aqui, abaixo de Deus, são as unicas estrelas que fulguram e me guiam através da Vida. E esse significado maximo lhes foi dado, nesta hora solene, unica, em que se comemorou, ao mesmo tempo, um heroe e uma batalha, com lagrimas, erudição e eloquencia.

Por isso, esta noite ficará registada, a ouro, nos gloriosos Anaes da Familia Cabreira.

Terminadas estas palavras, que a assembleia coroou com uma salva de palmas, o sr. dr. Armelim Junior, voltando-se para os retratos e insignias, exclama:

— Gloria á Familia Cabreira!

— Gloria! respondeu toda a assistencia, n'um grandioso unisono de comoção e entusiasmo.

Acabara o acto mais impressionante do serão.

La prosseguir o concerto.

O sr. Fernando Costa executou magistralmente, a solo de violoncelo, «Le Cygne», de Saint-Saëns, sendo acompanhado pelos restantes instrumentistas.

A seguir, o sr. Magalhães Barros cantou, com esmero, o trecho «Vien Leonora» da opera *Favorita*, de Donizetti.

Depois, a sr. D. Aurora Marques cantou, admiravelmente, a «Canção da Trigueira», de Gonzaga, e a «Moreninha», de Cruz Quesada.

Para terminar, o quinteto executou a soberba «Marcha Solene Tomaz Cabreira», dedicada a meu Irmão por Pavia de Magalhães. Energica e sentimental, cheia de inspiração e revelando superior tecnica, brilhou e impoz-se com tão limitado numero de figuras, como já brilhara e se impozera em grande orquestra e banda marcial.

A pedido da assistencia, foi bisada, sendo desta vez ouvida de pé, com perfeita religiosidade.

Depois de uma merecida ovação aos artistas, o sr. dr. Armelim Junior alvitrou uma manifestação ao promotor da

feira, que ficou confundido com tantas provas de carinho e amizade.

Interpretando os desejos de uma grande parte da assistência, convidei as sr.^{as} D. Alice Monteiro e D. Aurora Marques a dizerem versos.

Aquella illustre intellectual recitou, com grande sentimento, os sonetos da sua autoria, «Imaculada Conceição» e «Um heroe», e a outra distinta dama declamou, com requintada arte, «A Invasão dos Barbaros», de Vasconcelos e Sá, obtendo ambas merecidos aplausos.

Conversa-se, ainda, por algum tempo, ácerca das impressões colhidas no serão. Todos reconhecem que elle teve qualquer coisa de original, de inedito, de comovente. Assim, disse-se que, noutras festas, se faz musica tão bôa, se pronunciam palavras tão lindas; mas essas festas só despertam a emoção estetica, porque obedecem só a um intuito de beleza. Aqui, vibraram almas; aqui, consagrou-se o culto da Familia; aqui, explodiu o amor patrio; aqui, cantou-se a Saudade; aqui, santificou-se o Sentimento pela Justiça: — aqui, a emoção estetica foi excedida pela emoção moral. . .

Começam a sair os convidados.

Mais um abraço, mais um aperto de mão, mais um agradecimento. Despedem se, por fim, os ultimos. São 2 horas e meia da madrugada.

Percorro as casas iluminadas, num saudoso adeus áquella noite inolvidavel. Extasio-me naquella claridade, a mais bela que me tem banhado os olhos, a mais tonica que me tem retemperado o espirito. Contemplo, ainda uma vez, aquellas luzes. . . Dir-se-iam revérberos de gloria, scintillações de grandeza heroica, lampejos de almas exalçadas pela Imortalidade. . .

.....

Cem anos passaram sobre o nascimento de meu Pai: a Elle devo a Vida; a Elle devo a rigidez da minha conduta moral; a elle devo todos os triunfos do meu trabalho, porque só pretendo imita-lo no character e dignificar o nome que me transmitiu.

Recolho, finalmente, aos meus aposentos. Mas a excitação não me deixa conciliar o sono. Oiço ainda as melodias, os panigíricos; vejo ainda fulgurações e flôres; os nervos vibram ainda sob esse abalo estranho que raros teem sofrido e cuja descrição não encontra nem termos nem côres nem sons...

E penso que a felicidade seria completa, unica, sobre-humana, se todos os quatro vivessemos, como ha 36 anos; se o meu lar ainda fosse iluminado pela nobresa de meu Pai, pela bondade de minha Mãe, pelo saber de meu Irmão!

Rompia já a manhã quando adormeci, embalado na dôce esperança de ir vê-los em sonhos...



A Missa em Tavira e preces junto do jazigo

No dia seguinte, 1 de maio, tambem pelas 10 horas, o rev. prior de S. Tiago, de Tavira, sr. Antonio Rodrigues, celebrou Missa no Altar-Mór da Igreja de S. Francisco, sendo o acto acompanhado a orgão pelo maestro Pedro Alexandrino, que executou a já referida marcha «Saude».

Assistiram, além dos meus rendeiros, srs. Francisco Soares Valente e Francisco da Silva Reis, com as respectivas familia e esposa, muitas senhoras e homens de todas as classes sociaes da cidade, vendo-se tambem bastante gente do campo.

A circumstancia de tal solenidade ser em dia de semana, mais significativa tornou a comparencia de tantas pessoas que vivem do seu trabalho, devendo acrescentar-se ainda que só um numero reduzido poderia ter conhecido meu Pai.

E' que, felizmente, o coração do povo conserva ainda a tradição do respeito devido ás grandes virtudes civicas e aos altos Representantes da Raça Portuguêsa que fazem dessas virtudes austero sacerdocio.

Após a Missa, o digno paroco, acompanhado de toda a assistencia, dirigiu-se ao Cemiterio da Ordem. Aproximando-se da campa, lançou as absolvições do ritual, entoando algumas preces.

E a celebração terminou como principiara: com a visita ao tumulo. Da primeira vez, levaram-lhe flôres, muitas flôres, nascidas nos resplendentes jardins do Algarve; da ultima, palavras de Paz e de Piedade, que flôres são tambem, brotadas dos corações puros pela acção fecundante da Crença.

Todas as solenidades decorreram entre as duas ro-magens ao logar sagrado e nas quaes não tomei parte. Todavia, estive mais proximo de meu Pai do que os visitantes dêsse logar, pois senti os efluvios da sua Alma na unção máxima do Amor Filial...

DOCUMENTOS

A certidão de nascimento

(Logar das Armas da Republica)

*Registo Civil da Republica Portuguesa.
Certidão de Nascimento.*



FREDERICO Antonio d'Abreu Chagas, Bacharel em Direito e Oficial do Registo Civil de Tavira.

Certifico que, examinando os livros do registo paroquial da freguezia de Santa Maria da cidade de Tavira, existentes em meu poder, nêles, a folhas duzentas e vinte e nove do livro n.º 1 do registo de Nascimentos, respeitante ao ano de mil oitocentos vinte e dois, encontrei um assento do teor seguinte: Aos catorze dias do mez de maio de mil oitocentos vinte dois, nesta Igreja Matriz de Santa Maria, de Tavira, batisei solenemente e puz os Santos Oleos a Tomaz, primeiro deste nome, e do primeiro matrimonio de ambos, que nasceu no ultimo dia do mez proximo passado e Era supra, obtendo-se a licença precisa do Excelentissimo e Reverendissimo Prelado dêste Reino do Algarve, por isso que excedeu o tempo de oito dias de nascido, tempo recomendado pelo Concilio e Constituição dêste Bispado para serem feitos os Batismos; filho legitimo de Tomaz Antonio Cabreira, Capitão de Infantaria do Regimento numero catorse, e Dona Ana Paula Vizeto, esta batisada nesta Matriz e aquêle na Matriz de Castro Marim; neto paterno do Tenente Coronel João da Guarda Cabreira, natural da Vila de Castro Marim, e

Dona Mariana Derotea da Silva, natural da cidade de Faro, e materno do Capitão de Ordenanças Antonio Vizeto e Dona Catarina do Espirito Santo, ambos naturaes e batisados nesta Matriz. Foram padrinhos Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, Brigadeiro e Comandante das Armas dêste Reino do Algarve, e madrinha Dona Maria dos Remedios Grim Cabreira e com procuração desta Sebastião Francisco Grim Cabreira, ambos filhos do Padrinho supra. Em fé do que fiz este termo que assino dia, mez e Era supra.

O Reverendo Cura, *José Bernardo Vizeto*.

Nada mais contém o referido assento acima fielmente transcrito do proprio original, a que me reporto, com o qual conferi e achei conforme.

(Logar do sêlo em branco)

Tavira, 25 de julho de 1921.

O Oficial do Registo Civil.

(Assinado sobre os selos da lei)

FREDERICO ANTONIO DE ABREU CHAGAS.



A Patente ganha em campanha

(Logar das Armas Reaes)

DONA MARIA, POR GRAÇA DE DEUS, RAINHA DE PORTUGAL E DOS ALGARVES, ETC.

Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem, que tendo consideração aos merecimentos, e mais partes, que concorrem na pessoa de Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, primeiro Sargento do Batalhão de Caçadores numero cinco e por Esperar delle que em tudo de que fôr

encarregado no Serviço Nacional e Real, servirá com zêlo e honra:

Hei por bem Nomea-lo (como por esta Carta o Nomeio) Alferes de Caçadores, em consequencia da recommendação do General Conde de Vinhaes, pelo seu bom comportamento, na Acção do primeiro de Maio de mil oitocentos e quarenta e sete, o qual Posto servirá, e com elle haverá o Soldo, que lhe compete, e gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, isenções e franquezas que directamente lhe pertencerem. Pelo que Ordeno ao Comandante da respectiva Divisão Militar, que mandando-lhe dar posse dêste Posto, o deixe servir e exercer; aos Cabos e Officiaes Maiores, que o tenham o conheçam por tal Alferes, e aos Officiaes e Soldados, que lhe forem subordinados, lhe obedeçam e guardem suas ordens em tudo que tocar ao mesmo Serviço Nacional e Real, tão inteiramente como devem são obrigados. Em firmeza do que lhe Mandei passar a presente carta por Mim assinada, e selada com o Sello grande das Armas Reaes. Dada nesta cidade de Lisboa, aos vinte e sete de dezembro de mil oitocentos e quarenta e oito.

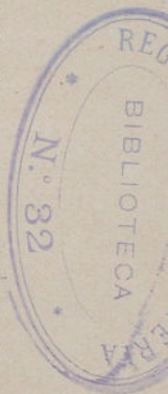
A RAINHA M. R. +

(Logar do sêlo em branco)

BARÃO DE FRANÇOS

Carta Patente pelo qual Vossa Magestade ha por bem nomear ao primeiro Sargento do Batalhão de Caçadores numero cinco, Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, por Alferes de Caçadores, como acima se declara.

Para Vossa Magestade ver.





O Diploma do Premio Comemorativo

(Logar do Brazão de Armas dos Cabreiras do Algarve)

CENTENARIO DO GENERAL TOMAZ CABREIRA

Tomaz Antonio da Guarda Cabreira nasceu em Tavira a 30 de abril de 1822.

Sentou praça no Batalhão de Caçadores 5, em 16 de dezembro de 1842. Foi promovido a Alferes por distinção e agraciado com a Medalha de Valor Militar pelo seu bom comportamento na Acção do Alto do Viso, em 1 de maio de 1847, possuindo ainda o habito de S. Bento de Aviz e a Medalha de Prata de Comportamento Exemplar.

Serviu no antigo Batalhão de Caçadores 4, nos postos de Tenente e de Capitão, desde 1851 a 1879. Comandou: neste ano, como Major, o Batalhão de Caçadores 10, e, em 1880, o Regimento de Infantaria 13, e, sendo Tenente-Coronel, o Regimento de Infantaria 18, em 1882. Foi promovido a Coronel para Caçadores 11, em 1884, reformando-se, neste ano, no posto de General de Brigada. Faleceu em Tavira a 10 de novembro de 1886. Celebrando o seu Centenario, instituí o Premio de cem escudos, que é adjudicado a João José Moisés, 1.º cabo do Grupo de Batalhões de Infantaria 4, por ser a praça dêsse Grupo que, nesta data, tem melhor comportamento em campanha. E para constar, se tiram três exemplares do presente Diploma, sendo o primeiro para o agraciado, o segundo para a Secretaria do sobredito Grupo e o terceiro para o Arquivo da Familia Cabreira da qual o homenageado era dignissimo Representante.

Lisboa, 30 de abril de 1922.

ANTONIO CABREIRA



Cartas do General Sousa Machado
e dos Coroneis
Comandantes de Infantaria 4, 13 e 18

S/C 29-4-1922.

Ex.^{mo} Senhor Dr. Antonio Cabreira ;
Meu Prezadissimo Amigo :

Em primeiro lugar, agradeço-lhe, muito cordealmente, o seu triplo convite para a Missa, Jantar e Sarau, em comemoração do Centenario natalicio de seu illustre Pai e meu dignissimo Comandante, ha mais de 40 anos.

Amanhã, pelas 9 ³/₄ horas, estarei na Igreja da Anunciada afim de assistir á Missa comemorativa e dar, assim, uma viva demonstração do meu preito e homenagem á memoria de tão prestimoso e bravo Oficial que, tendo ganho os seus galões, no campo de batalha, foi depois, pela vida adeante, sempre um modêlo da mais fina educação, honradez e brio militar.

A. V. Ex.^a faço, neste momento, os mais sinceros cumprimentos pelo carinho que sabe pôr na homenagem prestada ao seu grande Amigo que foi seu glorioso Pai.

Peço, porém, desculpa de não comparecer ao Jantar, nem ao Sarau; porque o meu estado de saude me não permite alterar os habitos da minha vida retirada e pacatissima, a que, em verdade, tenho devido uma saúde não de todo má, desde que passei á situação de Reserva.

Permita-me, meu bom Amigo, que lhe ofereça o meu insignificante prestimo e me assine

De V. Ex.^a admirador obrigado e amigo certo

Sousa Machado



REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 4

Gabinete do Comandante

Meu prezado Amigo :

Acuso a recepção da tua carta-officio e bem assim do teu cartão.

Hoje dou conhecimento ao General Comandante da Divisão do que pretendes, a proposito da comemoração que projectas fazer do Centenario de teu estremecido Pai, o General Tomaz Cabreira, antigo e muito distinto Official do extinto Batalhão de Caçadores 4, hoje representado pelo meu Regimento, e por cuja memoria tenho a maior consideração.

Faço-me representar pelo neto do Conde do Cabo de Santa Maria, o Alferes do meu Regimento, Manuel Vilhena Sampaio.

O Regimento e acentuadamente o Grupo de Batalhões conto que sejam representados pelo Major de Infantaria 4, José Guilherme Frederico de Almeida Arez.

Quanto á praça que desejas galardoar, em comemoração do Centenario, deve ser tirada do Grupo de Batalhões, Tavira, tua terra e creio que tambem do falecido General, teu Pai.

Cumprindo, pois, um dever, satisfaço os teus desejos.

Se o serviço não me prendesse no dia 30, aqui, com a incorporação dos recrutas que termina precisamente nêsse dia, ter-me-ias a teu lado, gostosamente.

Aceita os meus cumprimentos e com eles os protestos da minha velha amisade e consideração muito espezias.

J. PIRES VIEGAS

Faro 23-4-1922.



REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 13

*Gabinete do Comandante
(Particular)*

Ex.^{mo} Senhor Antonio Cabreira:

Acuso a recepção do honrosissimo convite de V. Ex.^a para que o Regimento do meu comando se faça representar nas cerimoniaes da celebração do Centenario do que foi notabilissimo general e inclito varão Tomaz Cabreira.

Nesta data, me dirijo, por carta, aos meus illustres camaradas, srs. Coronel Artur José da Silva Pereira e Capitão Artur do Nascimento Nunes, confrades de V. Ex.^a na Academia de Sciencias de Portugal, solicitando lhes a grande fineza de tomarem o encargo de representar o Regimento de Infantaria 13, nas cerimoniaes, salientando a honra que o mesmo Regimento teve em contar nas suas fileiras, como Major, o bravo militar que vae ser agora consagrado no seu Centenario.

Lamento não me ser possivel reunir elementos para tirar do olvido circunstancias especiaes da biografia do Pai de V. Ex.^a, como Oficial deste Regimento, pelo facto deste ter mudado a sua séde de Chaves para esta Vila, e, assim, terem ficado ali as tradições mais antigas do Regimento, pois, com o andar dos tempos, todo o pessoal foi renovado, começando, por assim dizer, vida nova, tendo sido já os antigos livros de matricula remetidos para a Secretaria da Guerra.

Além do que consta das narrações das nossas guerras, eu, em criança, ainda tive occasião de o ver em Lisboa, e dêle ouvi falar com veneração.

Aproveito a occasião para, com os meus agradecimentos pessoaes e da corporação que chefiou, apresentar a V.

Ex.^a os protestos da maior consideração pelos conhecidíssimos meritos de V. Ex.^a que honram o nome herdado de seus Maiores. ¶

Quartel R. I. 13
Vila Real
19/abril/1922

De V. Ex.^a
At.^o V.^{dor} M.^{to} Obrg.^o
JOSÉ ERNESTO DE SAMPAIO
Coronel



REGIMENTO DE INFANTARIA N.^o 18

Secretaria

Ex.^{mo} Senhor Dr. Antonio Cabreira:

Acusando a recepção da carta de V. Ex.^a, de 15 do corrente, e agradecendo, altamente penhorado, a subida honra que me é dada, bem como ao Regimento do meu comando, convidando-nos a tomar parte nas cerimoniaes do Centenario do Pai de V. Ex.^a e illustre General Tomaz Cabreira, rogo a V. Ex.^a se digne aceitar, como representante meu e desta unidade, o Ex.^{mo} Coronel Artur José da Silva Pereira, a quem, nesta data, solicito esta incumbencia, atendendo á impossibilidade de ir eu, pessoalmente, assistir ás cerimoniaes.

Com a mais alta consideração me subscrevo,

De V. Ex.^a
At.^o V.^{dor} M.^{to} Obrig.^o
ALEXANDRE MALHEIRO
Coronel



Oficio do Comandante
do Grupo de Batalhões de Infantaria n.º 4,
indicando as duas praças que
tiveram melhor comportamento em campanha

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 4

N.º 246/e
Serviço da Republica

Tavira, 24 de abril de 1922.

Ao Sr. Dr. Antonio Cabreira:

De harmonia com os desejos de V. Ex.^a informo:

1.º A praça deste Grupo que melhor comportamento teve em campanha (França) foi o 2.º cabo da 9.^a, Joaquim da Graça, natural da Luz de Tavira, o qual, em virtude de ferimentos recebidos, foi reformado, pertencendo á 9.^a Companhia dos Reformados onde tem o n.º 764.

Esta praça foi condecorada com a Cruz de Guerra de 1.^a Classe, com a medalha de Leopoldo II da Belgica, e foi-lhe oferecido pelo governo italiano uma carteira com 100 liras.

2.º A seguir é o 1.º cabo da 12.^a/780, João José Moisés, actualmente licenciado e domiciliado em Moncarapacho, concelho de Olhão, donde é natural.

Envio a V. Ex.^a o nome da 2.^a praça, em virtude da 1.^a não pertencer actualmente ao Grupo.

Como as praças não estão presentes, V. Ex.^a dignar-se-ha dizer-me, com a possível urgencia, qual a que pre-

fere, afim de ser convocada para se apresentar nêste Grupo no dia 30, para se proceder conforme os desejos de V. Ex.^a

Saude e Fraternidade

O Comandante

J. DE ALMEIDA AREZ

Major d'Inf. 4



Agradecimento do agraciado

Ex.^{mo} Senhor Dr. Antonio Cabreira :

Venho, por esta forma, manifestar a V. Ex.^a os meus sinceros agradecimentos pela subida honra com que V. Ex.^a houve por bem distinguir-me, conferindo-me o Premio comemorativo do Centenario do glorioso General Tomaz Cabreira, bem como o respectivo Diploma. Esta honra, Ex.^{mo} Sr., é tanto mais subida para mim, por recordar ao meu coração de portugûês novo, que o transmitirá aos descendentes, os feitos do Grande General que, no seculo passado, inscreveu nos fastos da nossa já brilhantissima Historia Militar, mais uma pagina gloriosa, qual seja a da famosa Acção do Alto do Vizo, decorrida ha 75 anos, em 1 de maio de 1847, e em que o inclito Oficial, por seus meritos e valentia, logrou ser promovido por distincção e condecorado com a Medalha de Valor Militar.

Tavira — Moncarapacho, Sítio dos Mortaes, 2 de maio 1922.

Com a mais subida consideração,

Sou de V. Ex.^a

At.^o V.^{dor} e Obrig.^o

JOÃO JOSÉ MOISÉS

NOTAS

A celebração que acaba de ser descrita e documentada, constitue a 4.^a comemoração centenaria que os Fastos da Familia Cabreira registam, já, nos ultimos 14 anos. As outras realizaram se pela ordem seguinte :

Em 19 de Junho de 1908, a Camara Municipal de Castro Marim celebrou, em sessão solene, a libertação da vila, devida á intrepidês e patriotismo do Tenente Coronel João da Guarda Cabreira, discursando o Presidente dr. Filipe Celorico Drago, que representava Tomaz Cabreira e Antonio Cabreira, em nome do qual leu uma noticia historica.

Em 20 e 21 do mesmo mês e ano, a cidade de Faro festejou a sua restauração, organizada e dirigida, com assinalado valor, pelo então Capitão Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira; executando-se este programa :

a) Recita de gala no Teatro 1.^o de Dezembro de 1640, em que representaram os artistas Augusto Cordeiro e Lucinda Cordeiro e os amadores do Grupo Dramatico Farense sob a direcção do ensaiador João Arouca;

b) Missa Campal, no campo do Alto da Esperança, resada pelo Bispo da Diocese, D. Antonio Barbosa Leão, com a assistencia das Autoridades e de toda a força disponivel da Marinha de Guerra e do Regimento de Infantaria n.^o 4 ;

c) Sessão solene, na Camara Municipal, discursando o Vice-Presidente, em exercicio, General José Victorino de Sande e Lemos, que representava Tomaz Cabreira e António Cabreira, do qual leu uma memoria descritiva do facto que se comemorava ;

D. Armando Bramão, professor João Rodrigues de Aragão, dr. Rodrigues Davim, que leu uma poesia de homenagem; Cordes de Avelar e o sobredito Prelado, que presidia á cerimonia;

d) Iluminação de todos os edificios publicos e de grande numero de casas particulares;

e) Concerto pela Banda de Musica de Infantaria n.º 11, no coreto da Praça D. Francisco Gomes.

Em 17 de Outubro de 1920, a Academia de Sciencias de Portugal colaborou no Centenario da Revolução de 1820 com uma sessão solene no salão nobre da Camara Municipal de Lisboa, sob a presidencia do Presidente da Republica, dr. António José de Almeida, assistindo ainda o Ministro da Instrução, o Presidente do Senado Municipal, Membros da Familia Cabreira, Socios da Academia, Professores, Autoridades Militares e Civis, representantes de diversas Corporações Officiais, muitos outros convidados de categoria e grande numero de populares e senhoras, e sendo as honras militares prestadas por uma força da Guarda Republicana.

O assunto da sessão foi o discurso que tive a honra de proferir sob o titulo *Análise da Revolução de 1820; Gomes Freire, precursor; Fernandes Tomaz, Chefe Civil; Sebastião Cabreira, Chefe Militar.*

—O conjunto de quadros, representado na gravura do presente opusculo, foi enriquecido, pouco tempo depois da celebração, com o distico a ouro «Tenente Coronel João da Guarda Cabreira» e a reprodução reduzida de um belo retrato a oleo, absolutamente autentico, do General Barão de Faro, Diocleciano Leão Cabreira, legado por este illustre official a seu sobrinho, o Major Severo Leão Cabreira; conjunto que, brevemente, será acrescentado com as fotografias dos Generais Viriato Leão Cabreira e Frederico Leão Cabreira e do Coronel Jul o Cesar Leão Cabreira.

O logar onde se vê a patente ganha em campanha pelo General Tomaz Cabreira, era occupado, anteriormente, pelo Diploma de Menção Honrosa que me foi conferido pelo Juri da Exposição Biblio-Iconografica comemorativa do Centenario da Guerra Peninsular, «como reconhecimento das notaveis especies» que enviei á mesma Exposição, e que eram preciosos documentos autenticos, na maioria ineditos, que relatam e enaltecem alguns brilhantes feitos de varios membros da Familia Cabreira, na referida Guerra.



INDICE

	Pag.
Programa	5
Prologo	7

NOTICIA

A colocação das flores no jazigo	11
A Missa em Lisboa	12
A entrega do Premio Comemorativo	13
O serão de Arte	15
A Missa em Tavira e as preces junto do jazigo	43

DOCUMENTOS

A certidão de nascimento	47
A Patente ganha em campanha	48
O Diploma do Premio Comemorativo	50
Cartas do General Sousa Machado e dos Coroneis Comandantes de Infantaria 4, 13 e 18	51
Oficio do Comandante do Grupo de Batalhões de Infantaria 4, indicando as duas praças que tiveram melhor comportamento em campanha	55
Agradecimento do agraciado	56
<i>Notas</i>	57

LOGAR DAS GRAVURAS

Antonio Cabreira	2
A Patente inaugurada	18



RÓ
MU
LO



1329641294

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

